

DIRLEI DISNER

**BULLYING: SEUS EFEITOS COMPORTAMENTAIS E IMPLICAÇÕES NO
ENSINO E APRENDIZAGEM DE ADOLESCENTES**

**SORRISO
2016**

DIRLEI DISNER

**BULLYING: SEUS EFEITOS COMPORTAMENTAIS E IMPLICAÇÕES NO
ENSINO E APRENDIZAGEM DE ADOLESCENTES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado á
Banca Examinadora do Curso de Letras,
Universidade do Estado de Mato Grosso -
UNEMAT, Núcleo Pedagógico de
Sorriso/MT, como requisito para a obtenção
do título de Licenciado/a em Letras.

Orientador: Prof. Me. Adil Antônio Alves De
Oliveira

**SORRISO
2016**

**BULLYING: SEUS EFEITOS COMPORTAMENTAIS E IMPLICAÇÕES NO
ENSINO E APRENDIZAGEM DE ADOLESCENTES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado á
Banca Examinadora do Curso de Letras,
Universidade do Estado de Mato Grosso -
UNEMAT, Núcleo Pedagógico de
Sorriso/MT, como requisito para a obtenção
do título de Licenciado/a em Letras.

Dirlei Disner
Discente

Prof. Ms. Adil A. Alves de Oliveira
Curso de Letras / Orientador

Profa Ma. Jussara Cristina Maya Seron
Curso de Letras / Banca Examinadora

Prof. Dr. Marion Machado Cunha
Curso de Letras / Banca Examinadora

Profa. Ma. Helenice Joviano Roque Faria
Curso de Letras / Coordenadora de TCC

Me. Antônio Tadeu Gomes de Azevedo
Coordenador do Curso de Letras

Profa. Dra. Claudete Inês Sroczynski
Diretor da FAEL – Faculdade de Educação e Linguagem

**SORRISO-MT
2016**

AGRADECIMENTOS

Dedico esta minha conquista primeiramente ao meu pai Alceri e minha mãe Salete, pois agradeço a eles por terem me dado à vida e terem me ensinado a seguir meu caminho. Agradeço também meu orientador Adil Antônio Alves De Oliveira, que me auxiliou o máximo possível.

Dedico e agradeço meu marido, que além de estar sempre ao meu lado ele é um grande amigo e parceiro André Bin que sempre me apoiou pacientemente em meus momentos difíceis, e me ajudou e ajuda sempre da melhor forma possível a melhorar nos meus pontos negativos. Muito Obrigada!

Obrigada as minhas amigas que me ajudaram a vencer e também venceram junto comigo está grande batalha – Camila de Souza, Elizete de Melo, que mantiveram uma irmandade imensa em minhas dificuldades, em meus desesperos acadêmicos.

Agradeço meus MESTRES da Universidade que acreditaram e ensinaram-me o tão grande é o conhecimento do homem que são eles: Adil, Adriana, Henrique, Luzia, Graci, Helenice, Genivaldo, Mantovani, Bethy, Marcos, Maria Angélica entre outros, Obrigada por fazerem parte da minha história.

EPÍGRAFE

Bons Professores, como aranha, sabem que lições, essas teias de palavras, não podem ser tecidas no vazio. Elas precisam de fundamentos. Os fios, por finos e leves que sejam, têm de estar amarrados. Professores sabem que (...) as palavras: separadas das coisas, elas perdem seu sentido. Por si mesmas, elas não se sustentam. (Rubem Alves, 2001: 19)

DISNER, DIRLEI. **BULLYING: Seus efeitos comportamentais e implicações no ensino e aprendizagem de adolescentes.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. – UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso. Núcleo Pedagógico de Sorriso/MT.

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso apresenta-se um estudo sobre os efeitos comportamentais e implicações do *Bullying* no ensino e aprendizagem de alunos do ensino médio de uma escola Estadual de Sorriso. E tem como o principal objetivo saber se existe *Bullying* na escola e de que forma implica no processo de ensino e aprendizagem dos alunos que por algum motivo sejam vítimas deste tratamento. Com embasamento nos autores que estudam e pesquisam o tema, tais como, Bock (2002), Constantini (2004), Fante (2005), Fante e Pedra(2008), Freire (1996) Guareschi (2008), Hora, Neto (2011), Pereira (2002), Reis (2009), Silva (2010), Sharp e Smith (1994) entre outros. A pesquisa e análise será baseada na experiência das observações e coleta de dados, com entrevistas e aplicação de questionários com os alunos e professores. Foi possível observar a partir deste trabalho, que o *Bullying*, muitas vezes, tem influencias no rendimento escolar e no comportamento dos alunos do ensino médio. A escola neste sentido pode promover projetos e palestras para que todos tenham um bom conhecimento desse fenômeno.

PALAVRAS CHAVE: Escola; Bullying; Ensino; Aprendizagem; Adolescentes.

DISNER, DIRLEI. **BULLYING: Seus efeitos comportamentais e implicações no ensino e aprendizagem de adolescentes.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. – UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso. Núcleo Pedagógico de Sorriso/MT.

ABSTRACT

This course conclusion work is a study on the influence of Bullying in teaching and learning of high school students at a state school. The main objective of this research is to know if there is Bullying in school and its implications in school performance of the students. This work is theoretically based on Bock (2002), Constantini (2004), Fante (2005), Fante and Pedra (2008), Freire (1996) Guareschi (2008), Neto (2011), Pereira (2002), Reis (2009), Silva (2010), Sharp and Smith (1994) among others. The analysis is based on observations and data collection with interviews and questionnaires with students and teachers. We conclude that bullying often can be the reason in low school performance of high school students. And the school needs projects and lectures for everyone to have a good knowledge of this phenomenon.

KEYWORDS: School; Bullying; teaching; learning; adolescents.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: SUAS FORMAS E CONSEQUÊNCIAS..	10
2.1. O que é Bullying.....	11
2.2. Bullying e suas consequências nas inter-relações escolares.....	14
3. O BULLYING E SUA INFLUÊNCIA NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE ADOLESCENTES	17
3.1. O Bullying e a sala de aula	18
3.2. O aluno vítima de Bullying e seus processos psicológicos	19
3.3. O papel da escola e do professor em situações de Bullying.....	20
4. A PESQUISA: METODOLOGIA E PERSPECTIVAS DE ANÁLISE.....	23
4.1. Dados da Pesquisa com os alunos	24
4.1.1. Análise dos dados	29
4.2. Dados da pesquisa com os Professores	31
4.2.1. Análise dos dados	34
CONCLUSÃO.....	36
ANEXOS.....	38
REFERÊNCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

A influência do *Bullying* no ensino e aprendizagem tem muitas vezes implicações com sérias consequências na vida escolar do aluno. É comum detectar nas vítimas queda no rendimento escolar. E a partir de algumas análises, discussões e alguns acontecimentos da prática do *Bullying* na escola, observa-se que os adolescentes que sofrem com esse fenômeno costumam ser adolescentes que apresentam baixo rendimento escolar e também baixa autoestima e manifestam-se contrariadas tanto na vida escolar como no pessoal.

Nesse aspecto, o trabalho aborda as consequências causadas no adolescente pela prática do *Bullying* no processo de ensino e aprendizagem, através de uma pesquisa realizada em uma Escola Estadual de Ensino Médio em Sorriso Mato Grosso.

Para este trabalho adotou-se a pesquisa bibliográfica para a construção do referencial teórico, que, segundo Lakatos Marconi (1995, p 43), enfatiza a importância desse embasamento afirmando que “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. E na segunda etapa da pesquisa, efetivou-se uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, que para Bastos & Keller (1992 p. 55) “a pesquisa de campo visa suprir dúvidas ou obter informações e conhecimentos a respeito de problemas para os quais se procura respostas ou a busca de confirmações para hipóteses levantadas”. Neste sentido e na perspectiva da análise e sistematização dos dados coletados por meio de questionários e entrevistas na escola, foi possível verificar as práticas do fenômeno *Bullying* existentes nas relações entre os alunos e investigar como os professores, a equipe escolar, juntamente com a família, estão realizando intervenções sobre este tipo de violência, que implica no processo de ensino e aprendizagem do adolescente.

De tal modo, demonstramos a importância desta pesquisa, na medida em que contribui para o conhecimento acerca do termo *Bullying* e trouxe elementos teóricos e práticos para que a escola, professores e pais possam observar e criar mecanismos para combatê-la ou precaver essas práticas.

2. O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: SUAS FORMAS E CONSEQUÊNCIAS

Atualmente o *Bullying* é reconhecido, segundo Constatini (2004), como uma questão muito importante a ser discutida nas escolas, causando consequências sérias, tanto para as vítimas quanto para os agressores.

Para Constatini (2004, p. 69), o *Bullying* “é um comportamento ligado à agressão verbal, física ou psicológica que pode ser efetuada tanto individual quanto grupalmente”. O *Bullying* é um comportamento próprio das relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis, muitas vezes, transformam a vítima em objeto de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar a vítima na escola ou na sala de aula.

As formas de violência entre os alunos são as mais diversas possíveis. Conforme alguns psicólogos, o *Bullying* pode se manifestar por meio de empurrões, pontapés, insultos, espalhar histórias que sejam humilhantes, mentiras para implicar a vítima a situações constrangedoras, inventar apelidos que ferem a dignidade de qualquer pessoa, salvar e alterar imagens retiradas da internet, ameaças como enviar mensagens. E também a exclusão é considerado como *Bullying*. Tanto as vítimas, quanto os agressores, podem sofrer consequências psicológicas desta situação de abuso, pois o que normalmente acontece é que todas as atenções dos responsáveis pais e professores se voltem para o agressor, no sentido de tratar essa questão com os cuidados necessários, para que isso não se repita novamente.

Neste capítulo organizo conteúdos que caracterizam o *Bullying*, e o que define e trabalha esta problemática no contexto escolar, pois este problema está presente em vários ambientes, principalmente no ambiente escolar, que é onde acarreta implicações nos comportamentos e rendimentos escolares, e na vida pessoal da vítima. E a abordagem a este assunto tem como objetivo refletir sobre as implicações ocasionadas pelo *Bullying* no processo de aprendizagem dos alunos, avaliando como interação entre a busca do conhecimento e a realidade sobre o contexto do *Bullying*.

2.1. O que é Bullying

O *Bullying* é um fenômeno mundial tão antigo quanto à escola. Porém, foi na década de 1970, na Suécia, que surgiu um maior interesse da sociedade sobre este problema, logo em seguida estendeu-se para vários países. Foi quando na Noruega, doze anos mais tarde, em 1982 ocorreu o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos, motivadas pela situação de maus-tratos a que eram submetidas pelos seus companheiros da escola. Foi através deste ocorrido que teve grande repercussão nos meios de comunicação, que surgiu o nome *Bullying*, que mobilizou o governo Norueguês, que fizera uma campanha nacional contra o *Bullying* no ano seguinte.

Bullying é um ato praticado por muitos adolescentes e por causa dele há muitas vítimas, que na maioria das vezes nem sabem se é ou não *Bullying* que está sendo cometido. Para alguns estudiosos desse fenômeno que vem constringendo o ambiente escolar e provocando atrocidades, o *Bullying* tem uma história longa e perversa e que assusta muitas pessoas. Silva (2010, p.111) afirma que “o *Bullying* é um fenômeno muito antigo no contexto escolar e o tema começou a ser objeto de pesquisa nos anos 70 em países escandinavos”. A mesma escritora diz que no Brasil as pesquisas e cuidados voltados para a temática estão muito tímidos ainda, embora hoje haja estudo por parte de algumas instituições. Segundo ela, já existe um projeto de lei Nº. 350 de 2007, que autoriza instituir o Programa de Combate ao *Bullying*.

O fenômeno *Bullying* é algo que vem preocupando há mais de 30 anos e nos últimos anos tem assustado muitas escolas no Brasil. Como se vê é preciso acelerar as pesquisas e ações no combate ao *Bullying* e analisar às práticas pedagógicas em torno do assunto, trabalhando um Currículo que perpassa entre os conteúdos disciplinares as bases morais e éticas que pretendem à formação do cidadão. Para isso se faz necessário aqui o conceito de *Bullying* por Silva (2010, p.21) assevera que:

A palavra *Bullying* ainda é pouco conhecida do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas [...] comportamentos como agressões, assédios, desrespeitos e são realizados com recorrência e intencionalmente por parte do agressor. E as agressões não mostram motivações específicas ou justificáveis [...] os mais fortes usam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar as vítimas.

Se for assim mesmo que se conceitua o *Bullying*, é relevante argumentar que ao cometer esse ato o cidadão já infringiu todos os limites da ética, da moral e da cidadania, e se assim age como fica o papel da escola que é o lugar de formação e exercício do comportamento cidadão e ali passa a maior parte do seu tempo. Necessário discutir e refletir, na tentativa de minimizar este problema que é muito sério, e do interesse de todos da sociedade.

Silva (2010) em seus estudos destaca que o *Bullying* pode acontecer de diversas formas:

- *Verbal* - através de xingamentos com os mais variados apelidos, fazendo gozações e colocando apelidos pejorativos, fazendo piadas de situações desagradáveis e insultando a vítima.
- *Físico e material* - se dão através de chutes, beliscões, ferimentos, empurrões, por roubo e destruição de materiais das vítimas e por sequêcia. Embora, todas as formas de *Bullying* sejam extremamente prejudiciais, porém, esta por sua vez, seja mais facilmente identificada, pois muitas vezes deixar marcas corporais na vítima, como vermelhidão, pequenos cortes, arranhões, lesões e manchas roxas.
- *Psicológico e moral* - ridicularizar e humilhar, irritar, excluir, ignorar, isolar e fazer pouco caso do que a vítima quer expor para os demais são as características dessa forma de pratica de *Bullying*.
- *Sexual* - usando de assédios e insinuações até chegar ao ponto mais crítico dessa forma, que é o abuso.
- *Virtual ou cyberbullying*- estamos na era moderna, com novas tecnologias, que nos permite que em frações de segundos possamos fazer uma pesquisa e obter todos os tipos de resposta. Mas, assim como essas tecnologias estão se tornando cada vez mais indispensáveis em nossas vidas e nos ajudam a solucionar problemas imediatos, ela também tem contribuído para que aumentasse as formas de práticas de *Bullying*. Não só isso, mas faz também que se propague com mais rapidez e eficiência, de maneira que imagens e comentários depois de serem expostos ficam quase impossível de ser revertido. É cada vez mais comum a divulgação de imagens comprometedoras, invadindo a privacidades das vítimas, fazendo montagens de fotos e a expondo calúnias, criando comunidades racistas e preconceituosas em redes sociais e invadindo a privacidade da vítima para expô-la, são algumas das maneiras usadas para essa prática.

As causas do *Bullying* variam de pessoa para pessoa, existem casos de *Bullying* que adotam essa postura apenas por não gostar do comportamento da vítima, e outros pelo simples fato de sentirem prazer de intimidar os mais fracos aumentando assim o seu poder para serem cada vez mais populares no ambiente escolar, outros nem tem um motivo, apenas o fazem porque acham legal.

Como diz Lopes Neto (2011) às vítimas tendem a ter um comportamento diferente do normal, e isso vai piorando com o passar do tempo, uns se tornam os chamados “alvos/autores” que, por receberem os maus tratos, acabam se tornando autores dessa prática, buscando, assim, alvos que sejam mais fracos que ele próprio para praticar tais ações, repetindo assim o que fazem com ele próprio como uma forma de despejarem em outros a raiva que sentem.

Silva (2010, p.42) destaca que esse tipo de violência, “produz os maus tratos sofridos como uma forma de compensação, ou seja, ela procura outra vítima, ainda mais frágil e vulnerável, e também comete contra esta todas as agressões sofridas”. Essa prática ainda causa nas vítimas uma série de transtornos gravíssimos como afirma a autora:

a) *Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG)*, que a faz está sempre com a sensação de que esqueceu algo, se preocupa com tudo mesmo não sendo algo importante e pensa que a qualquer hora algo pode acontecer ficando com a sensação de medo;

b) *Fobia Social*, sendo um fator gravíssimo, pois impede a vítima de se relacionar socialmente, tendo medo de se expor ao ridículo, achando a todo o momento que estão falando dela e tendo medo de se tornar o centro das atenções;

c) *Fobia Escolar*, ocasionando faltas, desistências, mal desempenho em atividades e etc;

d) *Depressão*, sendo esta muito preocupante, pois afeta tanto psicologicamente quanto fisicamente, acarretando outras doenças. *Anorexia e Bulimia*, em consequências de nervosismo acabam tendo uma impulsividade com relação alimentação, e por culpa e medo de engordar acaba eliminando o alimento de forma irregular;

e) *Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC)* são as chamadas “manias” que de uma maneira exagerada acaba por prejudicar o indivíduo, um exemplo é o de mania de limpeza. Mesmo sendo esse ou outra mania, todas são prejudiciais e acabam trazendo sofrimento para a vítima e para todos que convivem com ela, por a vítima não ter domínio de seus atos.

Todos esses problemas são muito poucos para as consequências totais que o *Bullying* pode provocar na vítima e ainda, Neto (2011, p.44) cita que “sua baixa autoestima é agravada

por intervenções críticas de adultos sobre o seu comportamento, culpando-os pelas agressões sofridas. Muitas vezes, a tentativa de buscar ajuda, com professores ou pais, é marcada pela insensibilidade diante de seu sofrimento”.

2.2. **Bullying e suas consequências nas inter-relações escolares**

Bullying é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. O termo *Bullying* vem de origem inglesa, que pode significar valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como chantagem, opressão, intimidação, humilhação e maltrato.

Essa prática "É uma das formas de violência que mais cresce no mundo", afirma Cléo Fante, educadora e autora do livro *Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas Escolas e Educar para a Paz* (224 págs., Ed. Verus). Segundo a especialista, o *Bullying* pode ocorrer em qualquer contexto social, como escolas, universidades, famílias, vizinhança e locais de trabalho. O que, à primeira vista, pode parecer um simples apelido inofensivo pode afetar emocional e fisicamente o alvo da ofensa.

Diversas situações afetam diretamente o meio familiar que é influenciado na questão educacional dos jovens e adolescentes. As formas da violência no tempo e no espaço se tornam muito complicadas de serem definidas. É por isso que, muitas vezes, o *Bullying* pode ser confundido com a violência de agressão e indisciplina, quando se manifesta na esfera escolar.

Porém, o *Bullying* não é apenas na forma de violência física, é também psicológica, pois, qualquer que seja o motivo, existe alunos que gostam e se sentem bem fazendo piadinhas sobre seus colegas que na maioria das vezes, acham muito engraçadas as piadas que podem machucar muito um adolescente ou até mesmo um adulto. De acordo com Guareschi (2008, p. 17),

É um fenômeno devastador, podendo vir a afetar a autoestima e a saúde mental dos adolescentes, assim como desencadear problemas como anorexia, bulimia, depressão, ansiedade e até mesmo o suicídio. Muitos adolescentes, vítimas do bullying desenvolvem medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos e geralmente evitam voltar a escola quando está nada faz em defesa da vítima.

E, por muitas das vezes, as vítimas que estão sofrendo o *Bullying* começam a demonstrar vários comportamentos diferentes com suas famílias e, até mesmo, na sala de

aula, uma vez que começam a se excluir automaticamente de seus colegas, não lancham, querem ficar só na sala de aula e principalmente têm medo até de perguntar algo a respeito da matéria que a professora está explicando, com receio de que alguém já faça uma brincadeira que lhe deixe constrangido.

Entretanto, o *Bullying* se manifesta por meio de insultos, acusações injustas, tomar pertences, meter medo, apelidos cruéis, intimidações, gozações que magoam profundamente, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, que segundo Fante (2005, p.29), “é um comportamento cruel e intrínseco das relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar”. Segundo a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à infância e à Adolescência (ABRAPIA), a definição de *Bullying* seria os comportamentos que:

[...] compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima (ABRAPIA *apud* NUNES, HERMANN e AMORIM, 2009, p. 11932).

Referindo-se ao *Bullying*, Fante e Pedra (2008, p. 53) consideram que isso “acontece em todas as escolas, independentemente da sua localização, turno ou poder aquisitivo da comunidade escolar”. A ABRAPIA considera, em uma pesquisa sobre o *Bullying*, que este é um problema mundial. O *Bullying*, no ambiente escolar, pode ocorrer em vários locais, pátios, nos horários de intervalos, banheiros, bibliotecas, corredores, quadras esportivas, salas de tecnologia, laboratórios, imediações da escola e na sala de aula e até mesmo na casa da vítima. Pesquisas apontam que no Brasil o *Bullying* acontece principalmente em sala de aula. Neste sentido, Constantini (2008, p. 122) afirma que isso acontece por que:

No ambiente escolar é difícil libertar-se de certa distribuição de papéis, seja para o agressor ou para a vítima, ambos condicionados pelo grupo classe no qual estão inseridos. A sala de aula é determinante na elaboração de um sistema de regras de grupo, segundo o qual há aquele que é intimidado e aquele que deve intimidar aquele que é testemunha participante (via de regra a favor do intimidador) e aquele não participante (indiferente ou às vezes a favor da vítima, mas amedrontado pela situação).

Contudo, percebe-se a necessidade de que a família tenha mais participação no ambiente escolar de seus filhos, que converse e se aproxime mais e seja próxima de seus filhos, para conseguir entrar em contato com o mundo deles e ser capaz de identificar esse processo de *Bullying*, caso ele estiver com esse problema. Porém, o primeiro passo para a sociedade tentar mudar isso é começando a gerar ideias ou campanhas para fazer com que os praticantes do *Bullying* mudem sua concepção de pensar que pode humilhar as pessoas.

Guareschi e Silva (2008.p. 15) relatam que “uma das alternativas para o enfrentamento da violência ou do fenômeno *Bullying* é a informação e a formação dos alunos para um despertar para a cidadania”. Desse modo, é preciso avançar as ideias, porque não adianta a escola propor terapia aos alunos que são vítimas, e sim, se dispor também de um programa de prevenção a este tipo de violência.

O papel da família e da sociedade é fundamental na vida de quem sofre o *Bullying*, visto que só assim a vítima *vai* superar os obstáculos que passa na escola, e também às vezes, é a comunidade quem percebe isso na vítima, ou até um amigo mais próximo que está sempre junto e sabe de seus jeitos de se comportar e de levar a vida, essa pessoa sim, que irá fazer a diferença.

3. O BULLYING E SUA INFLUÊNCIA NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE ADOLESCENTES

Várias fontes de informação indicam que a violência no interior das escolas teria aumentado muito nas últimas décadas, tornando-se um tema de estudo importante, especialmente nas áreas de educação, psicologia e saúde. Nesse cenário, se estabelece a problemática abrangendo causas, nomeada em geral, por *Bullying*, palavra de procedência inglesa para a qual não há um correlato específico na língua portuguesa, ficando a tradução mais próxima, em termos de significação, o termo “intimidação”.

O fenômeno *Bullying*, cria uma série de barreiras e dificuldades à vítima, como a de se expor sua opinião em sala de aula, não interagir com colegas e professores. Com isso, a atuação da equipe escolar e dos pais frente às práticas de *Bullying* na escola, deve ser constante. Fante (2005) afirma que durante o período escolar, a maior preocupação com o aluno vítima de *Bullying* é a queda do rendimento escolar, assim como a baixa autoestima e a dificuldade, pois altera significativamente a capacidade natural de socialização, com isso resultando no isolamento social do individual, e até mesmo no seu desenvolvimento social futuro.

As mentes humanas são capazes de criar poderosas ferramentas, porém devem ter o compromisso ético de só usá-las para os bons propósitos. Como bem nos lembra Einstein: “a preocupação com o próprio humano e o seu destino deve ser o principal interesse de todos os empreendimentos tecnológicos (...) para que as criações de nossas mentes sejam uma benção e não uma maldição”. (SILVA. 2010, p. 125)

Como Silva diz, as mentes dos jovens são muito criativas, mais é preciso que eles saibam aonde e no que aplicar essa criatividade toda, pois quando o aluno usufrui essa habilidade de forma construtiva e para o bem, ele tem um belo e maravilhoso desempenho escolar, porem isso lhe ajuda na vida social, e profissional futuramente.

Os adolescentes dos dias de hoje sofrem muito com o *Bullying*, pois são muito agressivos e fazem muitas brincadeiras de mau gosto aos colegas, que de alguma maneira ou motivo chamam a atenção, ou até mesmo aqueles que se destacam na sala de aula.

Providências tem que ser tomadas para que esse fenômeno possa diminuir nas escolas e em todo lugar, pois quem sofre é a vítima do *Bullying* e apenas ela sabe como é difícil encarar a vida e de expor essa situação para tentar mudar. Devem-se criar mecanismos para que todos conheçam a realidade de quem vivencia essa experiência, porque isso não deixa de ser um incentivo para o comportamento marginal.

Neste segundo capítulo proponho uma compreensão que possa abranger a discussão sobre o fenômeno do *Bullying* no processo de ensino aprendizagem. Para tanto discorro sobre o fenômeno na sala de aula, ações e consequências, o papel do professor como observador e mediador da situação que caracteriza essa violência e a política da escola para enfrentar e combater este fenômeno que afeta o processo escolar de muitos alunos.

3.1. O Bullying e a sala de aula

Existem três agentes comuns nesta prática de violência, sendo a vítima, o agressor e o observador, sendo que o observador na maioria das vezes observa e analisa de longe o que está acontecendo com a vítima, porém não ajuda por medo de se comprometer com o agressor, com isso o observador também se traumatiza na maioria das vezes com o que vê e pode também apresentar os mesmos sintomas e traumas de mau rendimento escolar.

Os estudiosos deste tema sugerem que qualquer situação de *Bullying* dentro da sala de aula, a intervenção deve ser imediata. "Se algo ocorre e o professor se omite ou até mesmo dá uma risadinha por causa de uma piada ou de um comentário de algum aluno, o professor vai pelo caminho errado. Ele deve ser o primeiro a mostrar respeito e dar o exemplo", diz Aramis Lopes Neto, presidente do Departamento Científico de Segurança da Criança e do Adolescente da Sociedade Brasileira de Pediatria.

Por muitas das vezes é meio difícil os professores identificarem quais são os autores do *Bullying*, porém existem vários tipos de brincadeiras entre os colegas no ambiente escolar, e é necessário distinguir se é uma piada ou brincadeira aceitável ou é uma agressão. "Isso não é tão difícil como parece. Basta que o professor se coloque no lugar da vítima. O apelido é engraçado? Mas como eu me sentiria se fosse chamado assim?", orienta o pediatra Lauro Monteiro Filho.

O despreparo dos professores ocorre porque, tradicionalmente, nos cursos de formação acadêmica e nos cursos de capacitação, são treinados com técnicas que unicamente os habilitam para o ensino de suas disciplinas, não sendo valorizada e necessidade de lidarem com o afeto e muito menos com os conflitos e com os sentimentos dos alunos. (FANTE, 2005, p.68)

Os professores deveriam ser preparados ainda na formação acadêmica, para educar a emoção dos seus alunos. Logico que isso não seria obrigação dos professores, mais como é na escola que os alunos ficam boa parte do tempo, e o exercício da atividade docente exige que o professor tenha uma boa compreensão sobre o comportamento para poder intervir em

situações emocionais, de aprendizagens e ensino. Porém, é comum se deparar com professores que têm de alguma forma, uma dificuldade emocional para lidar com os problemas de maus tratos ou de violência que ocorrem dentro da sala de aula com os seus alunos. Essa dificuldade de lidar com esses problemas e de oferecer uma resposta eficaz a situação acaba às vezes provocando situações que fogem do seu controle.

Especialistas que intendem sobre o assunto do *Bullying* dão alguns conselhos, como Cléo Fante e José Augusto Pedra, que são autores do livro *Bullying Escolar: Incentivar a solidariedade, a generosidade e o respeito às diferenças por meio de conversas e campanhas de incentivo à paz e à tolerância, trabalhos didáticos, como atividades de cooperação e interpretação de diferentes papéis em um conflito; Desenvolver em sala de aula um ambiente favorável à comunicação entre alunos; Quando um estudante reclamar de algo ou denunciar o *Bullying*, procurar imediatamente a direção da escola.*

3.2. O aluno vítima de Bullying e seus processos psicológicos

A pessoa que pratica o *Bullying* possui necessidade de dominar, de subjugar e de impor sua autoridade, mediante coação; necessidade de aceitação e de pertencimento a um grupo; de autoafirmação, de chamar a atenção para si. Possui ainda, a incapacidade de expressar seus sentimentos mais íntimos, de se colocar no lugar do outro e de perceber suas dores e sentimentos. As consequências para as "vítimas" desse fenômeno são graves e abrangentes, promovendo no âmbito escolar o desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento, o absentismo e a evasão escolar.

No âmbito da saúde física e emocional o aluno vítima do *Bullying*, tem baixa na resistência imunológica e na autoestima, o stress, os sintomas psicossomáticos, transtornos psicológicos, fobia, a depressão e muitas vezes chegam até ao suicídio. No entanto, não apenas as vítimas, mas também os "agressores" podem sofrer as consequências do comportamento produzido pelo *Bullying*, ocorre o distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos escolares, à supervalorização da violência como forma de obtenção de poder sobre seus colegas, o desenvolvimento de habilidades para futuras condutas delituosas, além da projeção de condutas violentas na vida adulta. Esta forma de violência é de difícil identificação por parte dos familiares e da escola, uma vez que a "vítima" teme denunciar os seus agressores, por medo de sofrer represálias e por vergonha de admitir que esteja

apanhando ou passando por situações humilhantes na escola ou, até mesmo por acreditar que não lhe darão o devido crédito a respeito desse assunto.

Podem ocorrer diversas implicações psicológicas com sinais emocionais fáceis de identificar que o adolescente está passando por problemas decorrentes do *Bullying*. É quando ele parece ser sempre ansioso, aflito, aparenta estar triste, deprimido, retirado, secreto com todas as coisas e pensamentos, ter alterações rápidas de humor, ficar irritado com muita facilidade, na maioria das vezes dirá que sempre está bem quando alguém lhe perguntar apesar da tristeza e da raiva, e é mais infeliz no fim dos finais de semana ou dos feriados antes de retornar a escola, e diz também que não tem muito amigo e não gosta de ir à escola.

É muito importante estar atento ao *Bullying* nas escolas, porque é lá que as crianças se tornam independentes e auto determinados para enfrentar o seu futuro e decidir o que querem ser e fazerem para o resto de suas vidas, pois se a vítima do *Bullying* não expuser o seu caso talvez não tenham tanto sucesso no futuro como as outras que nunca sofreram essa prática. Quando ocorre esse problema é necessário que a vítima procure uma pessoa de confiança, procurar os pais, o diretor da escola, um psicólogo qualificado e competente, uma professora, ou até mesmo um amigo, que possa lhe ajudar de alguma forma e contar o seu problema, para que a vítima não silencie, não deixe que a situação se agrave mais ainda.

3.3. O papel da escola e do professor em situações de Bullying

Como diz HORA Dinair:

A escola é um espaço de livre circulação de ideologias (...) como uma instituição que deve procurar a socialização do saber, das ciências, da técnica e das artes populares produzidas socialmente, deve estar comprometida politicamente e ser capaz de interpretar as carências reveladas pela sociedade, direcionando essas necessidades em função de princípios educativos capazes de responder às demandas sociais. (HORA, 1994, p.122)

A escola coloca-se, hoje, como uma das mais importantes instituições sociais por fazer mediação entre o aluno e a sociedade. E ao transmitir à cultura e juntamente com ela os modelos sociais de comportamento e valores morais a escola também permite que a criança “humanize-se”, cultive-se, socialize-se ou, em uma palavra eduque-se. A criança, então vai deixando de imitar os comportamentos adultos para, aos poucos apropriar-se dos modelos e valores transmitidos pela escola, e assim tendo suas próprias formas, de pensar e agir, e aumentando a sua autonomia e seu envolvimento ao grupo social.

É indispensável uma relação respeitosa entre alunos e professores, de forma a garantir possíveis trocas de ambas às partes e liberdade de expressão aos alunos. Muitas escolas promovem atividades e jogos em grupo como rodas de conversas, nas quais os alunos possam expor suas ideias sobre diferentes assuntos, incluindo violência, preconceito e exclusão (GUARESCHI, 2008, p. 77).

É preciso que qualquer que seja a escola e também o professor desenvolva um olhar mais observador referente ao *Bullying*, pois tanto os professores quanto os demais profissionais ligados ao espaço escolar é necessário que eles sempre tentem identificar esse fenômeno. Pois deve atentar-se para sinais de violência, procurando neutralizar os agressores, bem como ajudar as vítimas e transformar os espectadores em principais aliados para que a vítima possa receber ajuda o quanto antes.

Infelizmente estamos vivendo uma época em que a violência se torna cada vez mais presente em todas as instituições escolares. A violência escolar nas últimas décadas adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades, o que a torna questão preocupante devido à grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade. (FANTE, 2005 p.20)

A percepção da redução de segurança na escola, por todos os submersos nas situações de *Bullying*, pode ainda gerar nos alunos o movimento de se auto protegerem, em detrimento de buscarem auxílio nos funcionários e professores para defendê-los das ameaças existentes. Isso pode culminar em tentativas de auto gerência da própria imagem, nas quais podem buscar serem mais agressivos ou iniciar agressões na finalidade de não se tornarem vítimas em potencial, o que colabora para que as situações de violência aumentem e se intensifiquem.

Concordamos com Reis quando ele coloca o que cabe à instituição escola neste contexto:

A escola é um lugar privilegiado para promover a cultura do respeito às diferenças, à diversidade e da inclusão social, rumo a uma verdadeira democracia em que todos os cidadãos e cidadãs possam conviver com igualdade e sem discriminação. O papel da escola e das pessoas que trabalham na área da educação nesse processo é fundamental. É por meio da educação que a promoção desses tipos de cultura pode acontecer de forma mais efetiva, moldando novos valores e atitudes de respeito e paz, desconstruindo velhos e arraigados preconceitos, formando cidadãos e cidadãs que constituirão uma sociedade mais justa.(REIS, 2009, p.02).

Essas práticas de violência que é o *Bullying*, ou seja, discriminação e preconceito, vivenciados pelos alunos no cotidiano escolar, têm se apresentado como um grande desafio e problema para os professores, equipe gestora e toda comunidade escolar. Essas práticas,

muitas vezes, podem causar dificuldades na aprendizagem e causar traumas ao longo da vida das vítimas como foi explicado no capítulo acima.

Algumas vezes a instituição trata de forma imprópria os casos contados. A responsabilidade é, sim, da escola, mas a solução deve ser interligada com os pais dos alunos que são as vítimas do *Bullying*. O educador deve seguir alguns procedimentos de gestão participativa como, por exemplo, o de ouvir todos os segmentos envolvidos na comunidade escolar, em especial, os alunos, e explicitar as contradições existentes na escola para propor melhorias nas relações humanas criando grupos de discussões sobre o assunto.

Então é necessário que a escola capacite seus profissionais para a observação, para que os professores possam identificar e diagnosticar e saber intervir e lidar diante as situações do *Bullying* ou até mesmo outros encaminhamentos mais, como também levando o tema à discussão com toda a comunidade escolar e principalmente para os pais dos alunos. Traçar estratégias que sejam capazes de acabar com essa violência na escola. De acordo com Pedra (2008), além de todo o esforço da equipe escolar frente ao *Bullying*, é preciso contar com a ajuda de consultores externos, como especialistas no tema, tais como psicólogos e assistentes sociais.

4. A PESQUISA: METODOLOGIA E PERSPECTIVAS DE ANÁLISE

Este último capítulo discorre sobre a pesquisa realizada na Escola Estadual Jose Domingos Fraga, que fala sobre os métodos de abordagem da pesquisa, os resultados e a conclusão dos resultados. A pesquisa foi com alunos das turmas de 1º, 2º e 3º ano noturno, tanto menina quanto menino responderam os questionários fechados, e também 4 professores da escola que responderam perguntas abertas.

Esta pesquisa teve como objetivo de verificar se o fenômeno *Bullying* interfere de alguma forma no processo de ensino e aprendizagem do aluno e produzem efeitos comportamentais que de alguma forma produzem consequências escolares e pessoais, se o professor tem alguma iniciativa caso venha a ter alguma vítima de *Bullying* na sala de aula, e diante da visão dos professores e também dos próprios alunos, obteremos os dados com questionários fechados para os alunos e entrevistas para os professores.

Utilizei como base também o autor Augusto Nivaldo Silva Triviños, considerado um importante especialista em temas como Metodologia e Educação. Ele propõe procedimentos específicos da Pesquisa Qualitativa para facilitar o desenvolvimento e a prática de tais pesquisas específicas. Descreve que esta, inicialmente, foi dominada pelo Funcionalismo e o Estrutural-funcionalismo, com raízes no positivismo. Na década de 70 apareceu a de natureza fenomenológica, mas esta com a deficiência de ser conservadora. Neste caso, entende-se que ainda necessitamos de metodologias que, considerando também o fenômeno do contexto social que se estuda, privilegie a prática e o propósito transformador da realidade que se procura desvendar em seus aspectos essenciais e acidentais.

Esta modalidade de estudo iniciou-se na década de 70 na América Latina pelos aspectos qualitativos na educação, facilitando o confronto de perspectivas diferentes de entender o real. O autor ressalta que toda pesquisa deveria ser, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa, mas, na prática, geralmente transformam a estatística num instrumento fundamental quando deveria ser elemento auxiliar sem interpretação mais ampla dos dados. Argumenta que ainda não entendemos que as pesquisas de natureza qualitativa não precisam apoiar-se na informação estatística, não significando que sejam especulativas; e que as dificuldades para entendermos a Pesquisa Qualitativa acontecem pela abrangência do conceito e dos limites deste campo de investigação tanto no seu caráter teórico quanto empírico.

Porem de forma geral segundo o Augusto Triviños segue-se uma rota ao realizar uma investigação. O pesquisador qualitativo que considera a participação do sujeito como um dos

elementos de seu fazer científico apoia-se em técnicas e métodos que têm as características de ressaltar a implicação da pessoa que fornece a informação: entrevista semiestruturada, aberta ou livre, questionário aberto, observação livre ou participante, método clínico de análise de conteúdo. Assim, é necessário adotar algumas técnicas e métodos específicos da Pesquisa Qualitativa, prioritariamente sobre a base de uma orientação teórico-metodológica clara e bem definida anteriormente.

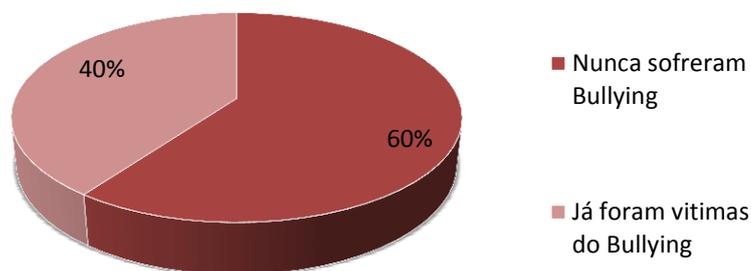
Temos expressado reiteradamente que o processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques. Ela se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente, de maneira que, por exemplo, a Coleta de Dados num instante deixa de ser tal e é Análise de Dados, e esta, em seguida, é veículo para nova busca de informações. As ideias expressas por um sujeito numa entrevista, *verbi gratia*, imediatamente analisadas e interpretadas, podem recomendar novos encontros com outras pessoas ou a mesma, para explorar profundamente o mesmo assunto ou outros tópicos que se consideram importantes para o esclarecimento do problema inicial que originou o estudo. Não obstante o que anteriormente foi expresso, a Coleta e a Análise de Dados são tão vitais na pesquisa qualitativa, talvez mais que na investigação tradicional, pela implicância nelas do investigador, que precisam de enfoques aprofundados, tendo presente, porém, o que acabamos de ressaltar: seu processo unitário, integral.

4.1. Dados da Pesquisa com os alunos

A pesquisa foi realizada com alunos do 1^a 2^a e 3^a ano do ensino médio, sendo vinte alunos de cada turma (anexo 1). As respostas dos questionários serão representadas em forma de gráficos logo a baixo.

Será apresentado o resultado do número de alunos que não sofreram *Bullying*, os que já sofreram de alguma forma com apelidos maldosos, e também apresenta o numero de alunos que foram vitimas dentro de salas de aula. Sendo que a foram entrevistados vinte alunos da turma do 1^a ano do ensino médio da Escola Estadual Jose Domingos Fraga. (GRAFICO 1)

NÚMERO DE ALUNOS QUE SOFRERAM BULLYING



(DISNER, 2016, Sorriso-MT)

Nesta sala do 1^a ano do ensino médio, oito alunos já foram vítimas do fenômeno *Bullying*, sendo cinco meninas e três meninos, todas as vítimas por apelidos que segundo os alunos três deles não se importaram com os apelidos, já os outros cinco alunos se sentiram cada um de uma forma, um simplesmente sentiu-se incomodado, outro ficou chateado, outro com vergonha e dois alunos sentiram-se com medo da situação. Porém quatro alunos segundo o questionário não comentaram com ninguém sobre o que havia acontecido. Os outros quatro alunos tentaram se defender, e falaram com seus pais e diretores da escola, cinco alunos disseram que o professor os ajudou a não sofrer o *Bullying* e tentaram amenizar esta situação em sala de aula, outros três disseram que o professor nem se manifestou, porque segundo os alunos o professor não sabia como reagir diante dessa situação.

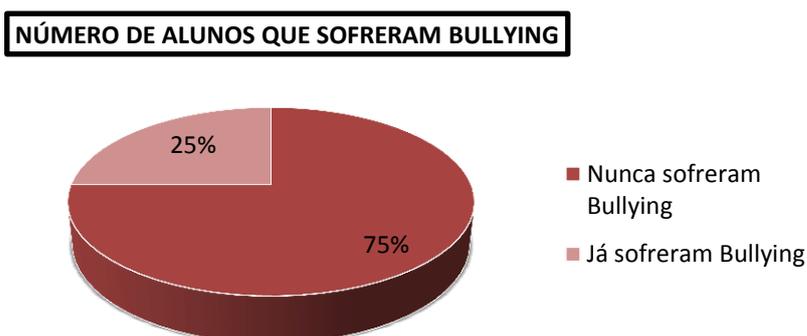
Na pergunta 07 do questionário, três vítimas responderam que nenhum dos seus colegas tentou ajudar, e ficaram apenas olhando, já outros cinco alunos disseram que seus colegas ajudaram a fazer com que aquela situação se amenizasse. Na questão 08, oito alunos disseram que sentem pena dos agressores, pois três deles responderam na questão 09 que os agressores fazem isso pelo simples fato de ser uma brincadeira, outros três acham que isso acontece porque os agressores sabem de alguma forma que a vítima está passando por problemas familiares. Na questão 10, seis dos alunos ajudaram a vítima pedindo para que os agressores parassem de ficar inventando apelidos, e dois alunos nunca viram alguém sofrendo *Bullying*.

A questão 11, cinco alunos responderam que na opinião deles a culpa do *Bullying* acontecer é da própria escola e direção, outros três disseram que a culpa é de quem agride, ou seja o agressor. Na questão 12, oito alunos que já foram vítima, disseram que nunca praticaram *Bullying* contra seus colegas, e os oito alunos que já foram vítimas estão dispostos a desenvolver algum tipo de trabalho na escola contra esse fenômeno.

Entretanto, dos vinte alunos do 1ª ano que responderam o questionário sendo sete meninos e cinco meninas, os doze alunos nunca sofreram *Bullying*. Ambos responderam que sentem pena dos colegas que praticam esse fenômeno, e segundo as respostas da questão 09, dez desses doze alunos responderam que os colegas praticam o *Bullying* muitas vezes por brincadeira, e outros dois alunos responderam que são pessoas que não estão contentes com a vida. Na pergunta 10 do questionário, dez alunos disseram que nunca viram seus colegas sendo vítima do *Bullying*, porém os outros dois responderam que já viram e pediram para que o agressor parasse. Conforme as respostas da pergunta 11, oito dos doze alunos responderam que quem tem culpa por ser uma vítima do *Bullying* é a própria vítima, e os outros quatro alunos responderam que a culpa é de quem agride, ou seja, do agressor.

Na questão 12 e 13, dos doze alunos onze afirmaram que nunca haviam cometido ou praticado o *Bullying*, e três responderam que já praticaram 1 ou 2 vezes o *Bullying*, e disseram também que se sentiram mal sendo o agressor, mas ninguém foi conversar com esses três alunos sobre o que havia acontecido segundo os questionários. E os doze alunos responderam que estão dispostos a ajudar a escola a desenvolver alguma atividade ou projeto para que isso com ocorra pelo menos na escola.

Já na turma do 2ª ano do ensino médio e também da Escola Estadual 13 de Maio, foram vinte alunos que responderam os questionários, e desses vinte alunos quinze nunca sofreram *Bullying* e os outros cinco já foram vítimas do fenômeno. (Gráfico 2)



(DISNER, 2016, Sorriso MT)

Na sala do 2ª ano do ensino médio, cinco alunos já foram vítimas do fenômeno *Bullying*, sendo quatro meninas e um menino, sendo quatro vítimas por apelidos e um por fofocas que são inventadas, que segundo os alunos, um deles não se importaram com os apelidos, já os outros quatro alunos se sentiram cada um de uma forma, um simplesmente

sentiu-se incomodado, outro com vergonha e três alunos sentiram-se com medo da situação. Quatro alunos segundo o questionário não comentaram com ninguém sobre o que havia acontecido. O outro aluno tentou se defender, e falar com seus pais e diretor da escola, os cinco alunos disseram que o professor os ajudou a não sofrer o *Bullying* e tentaram anemizar esta situação em sala de aula.

Na pergunta 07 do questionário, duas vítimas responderam que nenhum dos seus colegas tentou ajudar, eles ficaram apenas olhando, já outros três alunos disseram que seus colegas ajudaram a fazer com que aquela situação diminuísse. Na questão 08, os cinco alunos disseram que sentem pena dos agressores, os cinco alunos também responderam na questão 09 que os agressores fazem isso pelo simples fato de ser uma brincadeira. Na questão 10, dos cinco alunos que já foram vítimas do *Bullying*, quatro alunos ajudaram a vítima pedindo para que os agressores parassem de ficar inventando apelidos e fofocas, e um aluno nunca viu ninguém sofrendo *Bullying*.

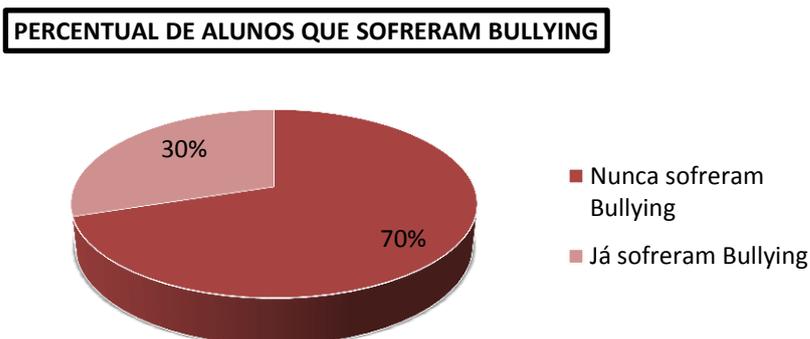
A questão 11, os três alunos responderam que na opinião deles a culpa do *Bullying* acontecer é da própria direção da escola, outros dois disseram que a culpa é de quem agride, ou seja, o agressor. Na questão 12, os cinco alunos que já foram vítima, disseram que nunca praticaram *Bullying* contra seus colegas, e os cinco alunos que já foram vítimas estão dispostos a desenvolver algum tipo de trabalho na escola contra esse fenômeno.

Entretanto, dos vinte alunos do 2ª ano que responderam o questionário, quinze alunos nunca sofreram *Bullying*, sendo oito meninos e sete meninas. Porém ambos responderam que sentem pena dos colegas que praticam esse fenômeno, e segundo as respostas da questão 09, treze desses quinze alunos responderam que os colegas praticam o *Bullying* muitas vezes por brincadeira, e outros dois alunos responderam que são pessoas que não estão contente com a vida. Na pergunta 10 do questionário, doze alunos disseram que nunca viram seus colegas sendo vítima do *Bullying*, outros três responderam que já viram e pediram para que o agressor parasse. Conforme as respostas da pergunta 11, oito dos quinze alunos responderam que quem tem culpa por ser uma vítima do *Bullying* é a própria vítima, e os outros dez alunos responderam que a culpa é de quem agride, ou seja, do agressor.

Na questão 12 e 13, dos quinze alunos onze afirmaram que nunca haviam cometido ou praticado o *Bullying*, e quatro responderam que já praticaram 1 ou 2 vezes o *Bullying*, e disseram também que se sentiram mal sendo o agressor, mas ninguém foi conversar com esses quatro alunos sobre o que havia acontecido segundo os questionários. E os quinze alunos

responderam que estão dispostos a ajudar a escola a desenvolver alguma atividade ou projeto para que isso com ocorra pelo menos na escola.

E na turma do 3^a ano do ensino médio e também da Escola Estadual 13 de Maio, também foram vinte alunos que responderam os questionários, e desses vinte alunos quatorze nunca sofreram *Bullying* e os outros seis já foram vítimas. (Gráfico3)



(DISNER, 2016, Sorriso MT)

Nesta turma do 3^a ano do ensino médio, seis alunos já foram vítimas do fenômeno *Bullying*, sendo quatro meninas vítima por fofocas e dois meninos por apelidos, que segundo os seis alunos, um deles não se importava com os apelidos, já os outros cinco alunos se sentiram cada um de uma forma, dois sentiram-se incomodado, outro com vergonha e três alunos sentiram-se com medo da situação. Porém quatro alunos segundo o questionário não comentaram com ninguém sobre o que havia acontecido, e dois alunos tentaram se defender, e falar com seus pais e diretor da escola, os seis alunos disseram que o professor os ajudou a não sofrer o *Bullying* e tentaram anemizar esta situação em sala de aula.

Na pergunta 07 do questionário, três vítimas responderam que nenhum dos seus colegas tentou ajudar, eles ficaram apenas olhando, já outros três alunos disseram que seus colegas ajudaram a fazer com que aquela situação diminuísse. Na questão 08, os seis alunos disseram que sentem pena dos agressores, os seis alunos também responderam na questão 09 que os agressores fazem isso pelo simples fato deles acharem que é uma brincadeira. Na questão 10, dos seis alunos que já foram vítimas do *Bullying*, cinco alunos ajudaram alguns colegas que foram vítima pedindo para que os agressores parassem de ficar inventando apelidos e fofocas, e um aluno nunca viu ninguém sofrendo *Bullying*.

A questão 11, quatro alunos responderam que na opinião deles a culpa do *Bullying* acontecer é da própria direção da escola, outros dois disseram que a culpa é de quem agride,

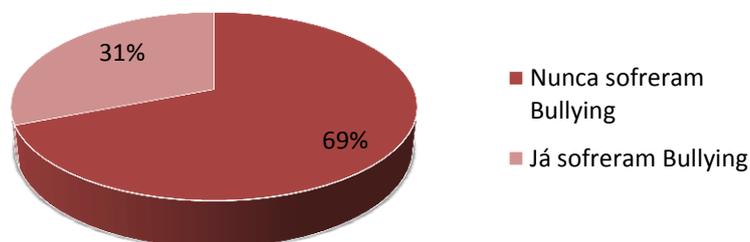
ou seja o agressor. Na questão 12, os seis alunos que já foram vítima, disseram que nunca praticaram *Bullying* contra seus colegas, e os seis alunos que já foram vítimas estão dispostos a desenvolver algum tipo de trabalho na escola contra esse fenômeno.

Porém, dos vinte alunos do 3ª ano que responderam o questionário, quatorze alunos nunca sofreram *Bullying*, sendo quatro meninos e dez meninas. Ambos responderam que sentem pena dos colegas que praticam esse fenômeno, e segundo as respostas da questão 09, treze desses quatorze alunos responderam que os colegas praticam o *Bullying* muitas vezes por brincadeira, e um respondeu que são pessoas que não estão contente com a vida. Na pergunta 10 do questionário, onze alunos disseram que nunca viram seus colegas sendo vítima do *Bullying*, porem os outros três responderam que já viram e pediram para que o agressor parasse. Conforme as respostas da pergunta 11, cinco dos quatorze alunos responderam que quem tem culpa por ser uma vítima do *Bullying* é a própria vítima, e os outros nove alunos responderam que a culpa é de quem agride, ou seja, do agressor.

Na questão 12 e 13, dos quatorze alunos treze afirmaram que nunca haviam cometido ou praticado o *Bullying*, e apenas um respondeu que já praticou 1 ou 2 vezes o *Bullying*, e disseram também que se sentiram mal sendo o agressor, mas ninguém foi conversar com esse alunos sobre o que havia acontecido segundo os questionários. E os quatorze alunos responderam que estão dispostos a ajudar a escola a desenvolver alguma atividade ou projeto para que isso com ocorra pelo menos na escola.

4.1.1. Análise dos dados

PERCENTUAL DE ALUNOS QUE SOFRERAM BULLYING



(DISNER, 2016, Sorriso MT)

Analisando os questionários obtivemos um resultado representado no gráfico 4 referentes às três turmas, que são sessenta alunos o total de entrevistados, nos resultados

obtidos foram de 69% dos alunos nunca sofreram esse fenômeno, porém 31% dos alunos do ensino médio já sofreram *Bullying*, e todos esses alunos sendo vítimas por apelidos, porém 83% alunos consideram isso como uma forma de brincadeira, mais isso deve-se levar a sério pelo fato de que existem várias e várias complicações para com a vítima e até mesmo para o agressor. Como presenciei os alunos na sala de aula quando estava passando os questionários para eles responderem, percebi que muitos alunos levam mesmo na brincadeira, ficar fazendo piadinha e inventando apelidos para os colegas. Na hora quase todos acham graça, porém sempre tem alunos que se expressam incomodados com esse clima, até as vítimas sorriem às vezes para não se constranger mais ainda, porém quem está observando percebe-se claramente que a vítima não está se sentindo bem com aquela situação.

Como Silva ressalta que os jovens são muito criativos, porém deve saber no que e para que usar essa criatividade, pois quando mal usada causa ou fere o sentimento de outra pessoa, então a escola também deve dar um direcionamento ao aluno para que eles tenham sempre a mente ocupada com algum assunto que envolve a escola, para não dar “brecha” para piadinhas e brincadeiras que podem desenvolver com o tempo um trauma na vítima que é alvo de um *Bullying*.

Então é muito importante a capacitação para o professor que dará as habilidades para perceber os sinais e aos apelos silenciosos que os alunos anunciam solicitando ajuda. A maioria dos alunos que sofrem com os atos violentos convocam ajuda através de suas vozes, mas principalmente pedem ajuda por meio da linguagem e expressão corporal; de ações e de comportamento que mostram que alguma coisa aconteceu e que precisam de socorro urgentemente. Os professores precisam ouvir com respeito, confiar na palavra da vítima. É necessário observar com atenção nas mudanças instantâneas de desempenhos, atitudes e modos que confirmam os indicadores do *Bullying* entre os adolescentes.

Como Fante comenta que a violência pode vir de casa, onde o adolescente presencia e leva com si para o resto de suas vidas, por isso é necessário a colaboração também da família para que a realidade desses adolescentes mude cada vez mais. Pois os adolescentes de hoje serão pai no futuro então eles devem saber como se comportar desde o início da sua vida.

Então é importante a escola junto com família ter a encargo de proporcionar aos educandos um espaço com muita harmonia, que colabore no desenvolvimento de seres humanos verdadeiros, participativos, abrangidos de autoestima, já que assim estarão cultivando pessoas que se amam, que se cuidam, que se aceitam, se respeitam e se fazem respeitar, se sentem seguras de si, que se distinguem os seus valores e virtudes, assim como

suas limitações. Por tanto segundo os questionários todos os alunos estão dispostos a participar de algum projeto na escola que fale sobre o *Bullying* e a violência escolar, pois o autor Guareschi ressalta que é muito importante que a escola tenha algumas atividades ou até mesmo jogos em grupo como rodas de conversas, no qual o aluno pode expressar suas ideias e também tratar sobre o fenômeno *Bullying*.

4.2. Dados da pesquisa com os Professores

Bom neste trabalho também apresenta entrevistas com quatro professores da Escola Estadual Jose Domingos Fraga, sendo os professores de ensino médio da escola que responderam algumas perguntas. Sendo assim será apresentado a descrição das falas dos professores, que saram assim denominados professor A, B, C e D, com todos os professores da mesma escola. Entretanto o principal objetivo desta pesquisa foi detectar se o fenômeno *Bullying* interfere ou não no ensino e aprendizado do aluno no ensino médio. Os dados que foram colhidos em campo estão agrupados da seguinte forma: foram transcritas as principais respostas dos quatro professores, e logo em seguida uma análise com embasamento aos autores que fundamentaram este trabalho.

1- Você acredita que na sua escola existe entre os alunos a prática do *Bullying*?

Os professores A, B, C e D responderam que sim, existe o *Bullying* na escola.

2- Você já observou situações que configuram como praticas e preconceito, discriminação na escola? Quais?

Os quatro professores responderam que sim, porem cada um com um argumento.

(Professor A)Sim, pois nas questões de alunos negros às vezes eles sofrem com apelidos que seus colegas inventam.

(Professor B) Sim, pois os meninos e meninas gordinhos sofrem bastante tanto dentro da escola como fora.

(Professor C) Sim, os alunos sempre tendem a criar apelidos dos colegas que por muitas vezes são meio gordinhos, ou às vezes com aqueles que são loiros como polacos.

(Professor D) Sim, presenciei um fato na escola que um estava apelidando o seu colega, por ele ser muito alto.

3- O fato de alguns alunos colocarem apelidos depreciativos, contra outro aluno, pode causar problemas pedagógicos neste aluno futuramente? Quais?

Os quatro professores responderam que sim, todos com algum complemento.

(Professor A) Sim, o aluno geralmente não interage com medo de seus colegas “zoar”.

(Professor B) Sim, pois futuramente o aluno não consegue fazer amizades, fica sempre sozinho, e também abala o psicológico do adolescente.

(Professor C) Sim, o aluno começa a ficar isolado de seus colegas.

(Professor D) Sim, o aluno começa a se sentir diferente de todos, e com isso começa os problemas nas notas.

4- Você acredita que a pratica do *Bullying* pode causar prejuízo emocional e sofrimento aos alunos que são vítimas dela? Quais?

Os quatro professores responderam que sim.

(Professor A) Sim, sofrem achando que são diferentes, e que precisam se encaixar naquele padrão para serem aceitas. Já dei aula para meninas que sofriam de anorexia.

(Professor B) Sim, presenciei já um fato que a aluna estava sofrendo *Bullying* na escola pelo fato dela ser gordinha e ao decorrer do tempo ela entrou em depressão, e não queria mais nem ir pra escola.

(Professor C e D) pode causar prejuízos sim, pois abala o psicológico da vitima que sofre o *Bullying*.

5- A violência acontece de forma sutil que é mais difícil de ser percebida. Essa prática de *Bullying* já acontece em sua sala de aula?

(Professor A) Não é difícil de perceber, pois o agressor é geralmente esojado, e já aconteceu sim na minha sala.

(Professor B) Às vezes se o professor não prestar atenção pode ser despercebido, mas já aconteceu sim em minha sala.

(Professor C) Creio que não seja difícil de identificar, pois o agressor sempre está fazendo algo pra chamar atenção, e já aconteceu em minha sala.

(Professor D) Depende muito do professor, porque às vezes acontece como se fosse uma brincadeira, mas para a vitima pode se agravar muito.

6- Você como professor se sente preparado para intermediar possíveis situações de *Bullying* entre seus alunos?

(Professor A) Até agora nas situações que intermediei me senti preparado, mas cada situação é uma situação.

(Professor B) Em minha opinião estou sim preparado.

(Professor C) Sim, pois todos os fatos que presenciei estavam seguro do que estava fazendo.

(Professor D) Me sinto sim preparado, pois no dia a dia a gente aprende muito, e como já estou a 10 anos em sala de aula acho que estou preparado.

7- A direção da escola está preparada para intervir nos atos considerados como *Bullying*?

(Professor A) Podem até estar, porém algumas vezes eles fecham os olhos para certas atitudes dos alunos que deveria ser trabalhada, por ser mais fácil e não precisar tratar diretamente com o aluno.

(Professor B) Acho que estão sim, pois as vezes que pude vivenciar algumas situações, eles interviram muito bem com o aluno.

(Professor C) Sim, pois os coordenadores e diretores sempre devem e estão bem preparados para trabalhar com o *Bullying*.

(Professor D) Creio que estejam sim bem preparados para trabalhar com esse tipo de violência.

8- A escola tem algum projeto pedagógico, como seminários, palestras ou até mesmo algum tipo de projeto que possa tratar sobre o tema *Bullying*? Quais?

(Professor A) Que eu saiba não.

(Professor B) Não.

(Professor C) Não.

(Professor D) Acho que não.

9- Você como professor acha que o *Bullying* pode atrapalhar de alguma forma na escola ou na vida pessoal da vítima?

(Professor A) Sim, porque mexe com o psicológico do aluno.

(Professor B) Com certeza, pois a vítima começa a se isolar e ter alguns tipos de transtornos na vida pessoal e escolar também.

(Professor C) Sim

(Professor D) Sim

10- Acredita que o *Bullying* interfere no processo de ensino e aprendizagem do aluno? Porque?

(Professor A) Sim, porque quem é vítima sofre na vida pessoal e escolar principalmente, o rendimento sempre cai cada vez mais, o aluno perde o interesse de aprender, perde a vontade de ir pra escola.

(Professor B) Sim, pois na maioria das vezes a vítima do *Bullying* começa a pensar que é diferente dos seus colegas, e com isso se afasta de todos os colegas, e não consegue prestar atenção na aula.

(Professor C) Sim, afeta o psicológico da vítima, às vezes ela pode até entrar na anorexia, perde a vontade de estudar, de ir para a escola, perde a vontade de comer, e até a vontade de se socializar com os colegas.

(Professor D) Sim, porque a vítima pode entrar em vários tipos de depressão, pode ocorrer de suicídio com a vítima, isso decorre na aprendizagem, pois normalmente quem sofre essa violência o rendimento escolar sempre diminui isso é fato.

4.2.1. Análise dos dados

Com base nas respostas dos alunos e analisamos as entrevistas, o *Bullying* é um fenômeno muito antigo no contexto escolar como diz o autor Silva (2010), então os professores devem saber identificar essa prática, pois como diz Neto (2011, p.23) também ao falar sobre a classificação do *Bullying*, diz que “nem todas as agressões podem ser classificadas como *Bullying*, mas todos os atos de *Bullying* são agressões danosas e derivadas de comportamentos hostis e prepotentes, não importando a forma como são praticados”. Sendo assim, deve ser observado até que ponto uma brincadeira aparentemente sadia, passa-se a se tornar danosa à vítima, pois em algum momento de nossas vidas passaremos por situações vexatórias, que nos causarão algum desconforto, porém, são situações normais do cotidiano que todos os professores estão sujeitos a passar.

Segundo os professores e também os autores que foram citados nos capítulos anteriores, está comprovado que o fato de alguns alunos colocarem apelidos depreciativos contra outro aluno, pode causar problemas pedagógicos e também problemas no ensino e aprendizagem do aluno, porque o aluno começa a se distanciar dos colegas, e principalmente

o rendimento escolar do aluno cai, pelo fato dele ficar mais perturbado na sala de aula, e até mesmo em casa na sua vida pessoal, pois isso interfere totalmente a vítima que sofre *Bullying*.

Os professores devem estar bem preparados para lidar com esse tipo de violência na escola, porém muitos aprendem com o tempo em sala de aula, pois quando estão na faculdade não é ensinado sobre como lidar com essas violências escolares, então os professores e a entidade escolar aprendem no dia a dia a lidar com esses fenômenos. Mas segundo o autor Pedra (2008), além de todo o esforço da equipe escolar frente ao *Bullying*, é preciso contar com a ajuda de consultores externos, como especialistas no tema, tais como psicólogos e assistentes sociais, pois eles conseguem passar para os professores e diretores a forma mais correta de se agir diante dessas implicações, para não terem complicações mais graves no futuro com as vítimas e também com os agressores.

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada teve como finalidade responder questões relacionadas com o Bullying no processo de ensino e aprendizagem de alunos do ensino médio de uma escola pública. Com o objetivo de contribuir para as reflexões e análises desta temática no processo educativo dos alunos que sofrem esse fenômeno.

E para a efetivação desses objetivos, especificamos seus fundamentos através dos capítulos II, III e IV. Que no capítulo II, estudamos sobre que realmente é o *Bullying* e as consequências que esse fenômeno traz a vítima nas inter-relações escolares. Já no capítulo III, analisamos as teorias do ensino e aprendizagem e suas implicações frente ao Bullying, e a partir dos autores Fante, Silvia, Reis, Sharp e Smith, o Pediatra Lauro Monteiro Filho e o discurso pedagógico de Freire. Analisamos as teorias da educação referente ao *Bullying* na escola e as possíveis compreensões desses autores como fundamento para pensar nos espaços de ensino e aprendizagens no ensino médio. No Capítulo IV demonstramos os dados das pesquisas realizados com os professores e alunos.

Esta pesquisa de abordagem qualitativa foi realizada em uma escola Estadual de Sorriso. Utilizando-se de questionários fechados e entrevistas para o levantamento dos dados. Aplicamos o questionário para três turmas do ensino médio, sendo 1º ano 2º ano e 3º ano, com vinte alunos de cada turma, e quatro professores foram entrevistados.

Concluimos que o *Bullying* acarreta algumas complicações no ensino e aprendizagem do aluno, pois analisando os dados chegamos à conclusão de que em todas as salas tem sim um caso do Bullying, porém muitos alunos levam como brincadeira pelo fato de ser apelidos, mais isso muitas vezes afeta o aluno em várias formas incluindo o rendimento na sala de aula.

É preciso um empenho coletivo na base de professores, coordenadores e diretores para apontar problemas e buscar a solução e superação das necessidades básicas das escolas, para realizarem projetos ou palestras e que todos saibam como é importante saber como agir e como orientar alguma vítima do *Bullying*.

Deixamos como possibilidade de estudo posterior e para análises de outros acadêmicos que queiram refletir sobre este tipo de pesquisa, que entrevistem mais professores e alunos. Entretanto em minhas observações nas pesquisas, percebi que o *Bullying* mais comum que existe, é os alunos ficarem colocando apelidos nos seus colegas, e também que os professores não interfere nessas brincadeiras que os alunos fazem, e isso também traz um grande problema para a vítima, por mais que todos levem na brincadeira, porém a vítima muitas vezes mesmo se sentindo mal resolve ficar na dele para não se constranger mais ainda.

Na escola em que realizamos a pesquisa não tem nenhum projeto e nem palestras para orientar os alunos e até mesmo os professores, e isso é muito importante que o professor conheça as formas de lidar com o *Bullying* principalmente com os adolescentes, pois são eles que normalmente gostam de “zoar” com os colegas.

Deste modo, a atitude de bons educadores permite que esse triste fato seja amenizado ou que pelo menos tenha consequências menos grave do que poderia ter tido sem sua interferência, desta forma, o que verdadeiramente necessitamos é que as escolas apresentem o conhecimento e o comprometimento necessário para lidar com essa prática. E também seria necessário que a escola trabalhasse esse tema com os alunos e principalmente com os professores que estão mais ligados com os alunos, e segundo a autora Fante e o autor Pedra, a escola também deve orientar os pais dos alunos, pois o fenômeno *Bullying* pode ser influenciado até mesmo em ambiente familiar, porque o fenômeno *Bullying* é considerado uma epidemia para o autor Pedra, pelo fato de que ele se espalha com muita facilidade entre os adolescentes. Porém a escola deve trabalhar juntamente com a família do adolescente, pois é necessário conjunto de diálogo entre os mediadores e familiares para precaver esse fenômeno que é o *Bullying*.

ANEXOS



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
CURSO DE LETRAS

Questionário para coleta de dados da Pesquisa:

Acadêmica Responsável: Dirlei Dsiner

Instituição: Universidade do Estado de Matogrosso (UNEMAT)-Campus Universitário de Sinop

Curso de graduação: Licenciatura em Letras

Ano: 2016

Orientador: Prof. Me. Adil Antônio Alves de Oliveira

Informações sobre a pesquisa:

- 1) Este instrumento faz parte da pesquisa acadêmica realizada como exigência parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras, Campus Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
- 2) Este questionário objetiva obter informações sobre o Bullying na escola e suas relações com o ensino e aprendizagem.
- 3) As informações aqui serão apenas de uso da pesquisadora, momento com completo sigilo quanto aos colaboradores.
- 4) Toda atividade coleta de dados está sob orientação do prof. Me. Adil Antônio Alves de Oliveira, da UNEMAT, Campus Universitário de Sinop.
- 5) Serão respeitadas as informações registradas pelos colaboradores com a qual a pesquisadora assume compromisso ético.

Nome:

Ano/Série:

Idade:

Telefone:

Marque um X sobre a letra que está diante da opção que você escolher como resposta. (aluno)

1) Você já sofreu algum tipo de BULLYING na escola?

- A) SIM
B) NÃO

2) Que tipo de BULLYING você sofreu?

- A) Fui empurrado, fui chutado, bateram em mim.
B) Fui apelidado, riram de mim.
C) Contaram mentiras/fofocas a meu respeito.
D) Fui ameaçado.
E) Outras coisas.
Explique: _____

3) Onde isso aconteceu?

- A) Indo ou vindo da escola.
B) Na sala de aula.
C) No pátio da escola.
D) Nos banheiros da escola.

4) Como você se sentiu quando isso aconteceu?

- A) Não me incomodou.
B) Me senti assustado.
C) Fiquei com medo.
D) Não queria mais ir para escola.
E) Outros.

Explique: _____

5) O que você fez quando sofreu BULLYING na escola??

- A) Eu chorei.
B) Falei com o Diretor/Coordenador/Monitor
C) Eu me defendi.
D) Não contei para ninguém.
E) Falei com meus pais.
F) Falei com outros, quem? _____

6) Algum dos seus professores ajudou você a não sofrer BULLYING na escola?

- A) Não, porque eles não sabiam.
B) Não, nenhum deles me

ajudou.

- C) Sim, tentaram ajudar, mas a situação piorou.
D) Sim, tentaram e o BULLYING diminuiu.
E) Sim, eles tentaram ajudar e não aconteceu mais.
F) Outros: _____

7) Algum colega tentou impedir que você parasse de sofrer BULLYING?

- A) Não, porque eles não sabiam.
B) Não, nenhum deles me ajudou.
C) Sim, tentaram ajudar, mas a situação piorou.
D) Sim, tentaram e o BULLYING diminuiu.
E) Sim, eles tentaram ajudar e não aconteceu mais.

8) O que você pensa sobre quem pratica BULLYING na escola?

- A) Não penso nada.
B) Não gosto deles.
C) Tenho pena deles.
D) Penso que eles são mais fortes.

9) Porque você acha que alguns colegas fazem BULLYING contra outros?

- A) Porque as vítimas merecem castigo.
- B) Por brincadeira.
- C) Porque eles são provocados.

10) Quando você viu alguns de seus colegas sofrerem BULLYING na escola, o que você fez?

- A) Nunca vi ninguém sofrendo.
- B) Eu não ajudei, mas gostei de ver.
- C) Pedi aos agressores que parassem.
- D) Pedi socorro a direção professores, monitores.
- E) Eu socorri o colega.

11) Na sua opinião, de quem é a culpa se o BULLYING continua acontecendo?

- A) De quem agride.
- B) Dos pais deles.
- C) Da Direção da escola.
- D) Dos professores.
- E) De quem é agredido.
- F) Dos outros alunos que assistem e não fazem nada.

12) Você já praticou BULLYING contra outros colegas?

- A) Eu nunca pratiquei BULLYING contra os colegas.
- B) Só 1 ou 2 vezes.
- C) Pratico pelo menos 1 vez por semana.
- D) Todos os dias.

13) O que você sentiu quando praticou BULLYING contra outros colegas na escola?

- A) Não fiz BULLYING contra meus colegas.
- B) Eu me senti bem.
- C) Senti que eles mereciam o castigo.
- D) Tenho certeza que fariam o mesmo comigo.
- E) Eu me senti mal.
- F) Eu senti pena do colega.

14) Alguém conversou com você sobre o BULLYING, que você fez contra outros colegas da escola?

- A) Não fiz BULLYING contra meus colegas da escola.
- B) Ninguém falou comigo
- C) O Diretor, Coordenador, professor
- D) Os meus pais ou responsáveis.

E) Os meus amigos

15) Você está disposto a ajudar a escola a desenvolver um trabalho para a redução do BULLYING?

- A) Não, porque nunca vi ninguém sofrendo BULLYING nesta escola.
- B) Não, porque eu não acho que o BULLYING seja um problema para os alunos.
- C) Não, porque eu acho que não vai adiantar nada.
- D) Não, embora eu ache importante desenvolver esse trabalho, eu não gostaria de ajudar.
- E) Sim, eu gostaria de ajudar.

16) Caso sua resposta à pergunta 15 seja SIM, de que forma você gostaria de ajudar?

17) Por favor, marque se você é menino ou menina?

- A) Menino
- B) Menina

REFERÊNCIAS

ABRÁPIA *apud* NUNES, HERMANN e AMORIM, 2009, p. 11932).

BASTOS, C.; KELLER, V. **Aprendendo a aprender**: introdução à metodologia Científica.

CONSTANTINI 2004 .p.122. DETONI, 2008.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo**: prevenir e enfrentar a violência entre jovens. Trad. Eugenio Vinci de M. São Paulo: Itália Nova Ed., 2004.

FANTE, Cléo e PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar** - perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed Editora,2008.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: VERUS, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho; SILVA (Coord). **Bullying**: mais sério do que se imagina. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

HORA, Dinair Leal da. **Gestão democrática na escola**: Artes e ofícios da participação coletiva. São Paulo: Papiros, 1994.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. 2ª Edição. São Paulo: Atlas, 1995.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying**: comportamento agressivo entre estudantes. J.Pediatr. (Rio J.) [online]. 2005, vol.81, n.5, suppl., pp. s164-s172. ISSN 0021-7557. <http://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>.

LOPES NETO, Aramis Antônio Lopes. **Bullying**: saber identificar e prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

LUDK, M.; ANDRÉ, M.E.D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986, 99 p.

REIS, T. **Homofobia e a escola**. In: LUZ, N.S.; CARVALHO, M. G.;

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas, 1987.